

JOYCE E. W. EVERY-CLAYTON



Rute e Ester

A graça de Deus no cotidiano de seu povo

Um comentário bíblico, teológico e devocional



BETEL BRASILEIRO
PUBLICAÇÕES

APRESENTAÇÃO

Os comentários de Rute e Ester brotam de uma leitura das Sagradas Escrituras que almeja ser reverente, evangélica, conscienciosa, contextual, responsável. Reverente, por submeter-se conscientemente à autoridade da Palavra; evangélica, por comungar com a redescoberta feita pelos reformadores do século XVI, Martin Lutero e João Calvino; conscienciosa, por levar em conta a pesquisa bíblica; contextual, por refletir a realidade na qual vivemos; responsável, por estar comprometida com a edificação da igreja. Verdade é que das Escrituras jorra mais água viva do que nosso modesto vaso poderá conter. Mas, com alegria e gratidão, compartilhamos o que recebemos ao beber dessa fonte inesgotável.

MARTIN WEINGAERTNER

*Professor titular de Bíblia e Teologia Ministerial
da Faculdade de Teologia Evangélica em Curitiba (PR)*

O livro que você tem em mãos é um dos melhores comentários sobre o livro de Rute. Qual a importância de estudar esse livro da Bíblia? O nome Rute significa “amizade”, e os relacionamentos dessa nobre mulher são marcados pela lealdade, a primeira lei da amizade. Outro fato importante é a menção dela na genealogia de Jesus, descrita em Mateus 1.5, o que comprova a ação soberana de Deus sobre essa mulher. A autora, Dra. Joyce Every-Clayton, oferece-nos boa exegese, sabedoria

bíblica e conselhos práticos para nossa época, em que valores familiares imprescindíveis estão sendo negligenciados. Temos muito que aprender! Boa leitura!

JOSÉ HUMBERTO

Pastor da Igreja Cristã Evangélica Central de Goiânia e professor no
Seminário Teológico Cristão Evangélico do Brasil (Anápolis, Goiás)

O livro de Rute sempre encheu meu coração de esperança, de alegria e de certeza quanto ao cuidado de Deus. Agora, depois de ler o comentário de Joyce Every-Clayton sobre esse livro da Bíblia, sinto que não só eu, mas as muitas pessoas que o lerem terão melhores condições de falar sobre o amor, o cuidado e a misericórdia de Deus. Elas se sentirão mais fortes e confiantes ao sentir as palavras de Rute, que nos trazem a certeza de que ainda hoje podemos esperar constantemente em Deus. Os escritos de Joyce são uma preciosidade e não podem deixar de ser lidos por quem deseja ter uma vida aos pés do Senhor! Excelente!

MARIA LUÍZA TARGINO (NINA TARGINO)

Coordenadora nacional do movimento Desperta Débora,
da Mocidade para Cristo (www.despertadebora.com.br)

Compartilho com você este precioso texto, sobre a figura de Rute, escrito pela querida Joyce Every-Clayton. A narrativa romântica que a autora faz dessa linda história e as explicações teológicas dão-nos a impressão de que estamos num alegre bate-papo entre mulheres. Uma Noemi sem esperança termina como uma Noemi cheia de alegria. Uma jovem Rute que deixa tudo e acompanha a sogra acaba sendo premiada ao entrar na lista dos antecessores de Jesus Cristo. Se confiarmos no Senhor e seguirmos sua vontade, jamais sentiremos frustração, por mais que as dificuldades queiram nos derrubar. Essas duas mulheres vão marcar sua vida.

NANCY DUSILEK

Palestrante e escritora

A Dra. Joyce Clayton comenta com maestria o livro de Rute, no qual são vistas duas tragédias que abalam e até destroem famílias: a fome e as mortes precoces. Mas a graça de Deus na vida daquelas mulheres reverteu o caos e transformou-o num modelo para as famílias contemporâneas que passam por dias difíceis. Boa leitura!

MARCOS E ROSÉLIA QUARESMA

Assessores Familiares pela Eirene do Brasil,
missionários da Sepal e credenciados da Envisionar

Rute

A graça de Deus no cotidiano



SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	11
<i>Introdução</i>	13
1. Onde está o Deus que é rei?	15
2. A luta pela sobrevivência	45
3. Procurando descobrir a vontade de Deus	67
4. A vida pública e pessoal.....	87
<i>Conclusão</i>	111
<i>Bibliografia</i>	113



CAPÍTULO 1

ONDE ESTÁ O DEUS QUE É REI?

A VIDA É DURA PARA MUITA GENTE. O capítulo 1 de Rute é um desfile de intercorrências que sobrevieram a uma família de Israel – inúmeras invasões (Jz 2.14-15, por exemplo), a produção agrícola estagnada e uma seca severa. E a família fugiu para um país vizinho, onde tudo só fez piorar. O capítulo descreve como Deus ouviu as reclamações da matriarca sofrida e questionadora e a colocou no caminho de volta para seu povo, para a provisão material e para a alegria. Ao mesmo tempo, os questionamentos dela sobre a ação de Deus em sua vida convidam-nos a externar nossas dúvidas, emoções e perguntas ao mesmo Deus, na certeza de que seremos ouvidos – como ela foi.

PRELÚDIO – A PROBLEMÁTICA DE UMA FAMÍLIA (1.1-5)

Neste primeiro bloco, temos uma introdução a todo o livro, tanto com relação aos assuntos a serem abordados quanto à estrutura do texto. Essa parte inicial do livro é descritiva, sem diálogo, escrita na terceira pessoa. E assim ficamos a observar a tragédia de quatro pessoas que se encontram entre a vida e a morte – sabemos seus nomes e sua situação, sem porém conhecê-las.

1.1 – Na época dos juízes houve fome na terra. Um homem de Belém de Judá, com a mulher e os dois filhos, foi viver por algum tempo nas terras de Moabe.

A frase *na época dos juízes* sinaliza que o livro de Rute é uma retrospectiva histórica, escrito talvez durante o período da monarquia, logo após a ascensão de Davi.

Havia agitação civil, decadência moral, declínio religioso e corrupção sem limites. O livro dos Juízes conclui que todo o caos social, religioso e político daquele período (1380-1050 a.C.) devia-se ao fato de Israel não ter um rei, pois “cada um fazia o que lhe parecia certo” (Jz 21.25). E o livro de Rute irá descrever as raízes da monarquia – nem sempre a solução perfeita para o problema –, porém sem se tornar um manifesto político para exaltá-la. No período de altos e baixos, como era o dos juízes, o povo estava rodeado pelos praticantes da religião de Baal. Israel não conseguiu afastar o inimigo devastador, os midianitas. Como consequência, ficou empobrecido e passou fome.

De novo os israelitas fizeram o que o Senhor reprova, e durante sete anos ele os entregou nas mãos dos midianitas. Os midianitas dominaram Israel; por isso os israelitas fizeram para si esconderijos nas montanhas, nas cavernas e nas fortalezas. Sempre que os israelitas faziam as suas plantações, os midianitas, os amalequitas e outros povos da região a leste deles as invadiam. Acampavam na terra e destruíam as plantações ao longo de todo o caminho, até Gaza, e não deixavam nada vivo em Israel, nem ovelhas nem gado nem jumentos. Eles subiam trazendo os seus animais e suas tendas, e vinham como enxames de gafanhotos; era impossível contar os homens e os seus camelos. Invadiam a terra para devastá-la. (Jz 6.1-5)

O livro de Rute inicia com esta afirmação: *Na época dos juízes houve fome na terra* – na terra especial que Deus dera ao seu povo. Esse não foi o primeiro contato de Israel com a fome. O mais marcante ocorrera nos dias de José e Jacó, quando este emigrou para o Egito, a fim de sobreviver. E, no livro de Rute, sem dúvida encontram eco as reflexões de José a respeito da providência divina operante na preservação do país: “Deus me enviou à frente de vocês para lhes preservar um remanescente nesta terra [...]. Assim, não foram vocês que me mandaram para cá, mas sim o próprio Deus” (Gn 45.7-8).

Foi nesse período difícil que Elimeleque, partindo do povoado de *Belém* aparentemente sem consultar ao Senhor e sem orientação específica dele, saiu de

Israel com sua família. Belém é conhecida como a cidade de Davi (1Sm 16.18). O nome Belém quer dizer “casa de pão”. Que ironia! Na casa de pão, não há pão, e é preciso ir embora para sobreviver!

A fome angustiou a família o suficiente para que ela abandonasse o lar. Ainda hoje, em diversos países, a fome tem obrigado grupos de pessoas a mudar-se – nosso Nordeste brasileiro, em décadas passadas, que o diga!¹ Fotografias de flagelados e de retirantes ainda fazem lembrar do drama de incontáveis famílias.

Um homem de Belém de Judá... foi viver nas terras de Moabe. Moabe era uma região montanhosa do outro lado do mar Morto e com até menos possibilidades agrícolas que Judá. É difícil conceber que em Belém havia seca e num país tão próximo (a distância seria de uns 80 quilômetros) havia fartura. Mas o relevo, muito variado, e a irregularidade das chuvas na região influenciam a produção agrícola. A família *foi viver por algum tempo* nos campos de Moabe, na condição de estrangeiros com certos direitos legais, provavelmente como parte de um fluxo migratório maior. A viagem visava a uma migração temporária, como o texto hebraico parece afirmar.

Mas, ir para Moabe? Os moabitas, descendentes de Ló por meio de incesto (Gn 19.30-38), eram inimigos antigos de Israel. O rei dos moabitas, Balaque, havia contratado Balaão para amaldiçoar Israel quando o povo saiu do Egito (Nm 22–24). As mulheres moabitas foram uma pedra de tropeço para Israel no deserto, pois seduziram os israelitas e os induziram a adorar falsos deuses. O incidente, ocorrido em Sitim, quando “o povo começou a entregar-se à imoralidade sexual com mulheres moabitas, que os convidavam aos sacrifícios de seus deuses”, resultou em morte dos dois lados (Nm 25) e sem dúvida serviu para reforçar o sentimento antimoabita em Israel, mais particularmente as restrições contra as mulheres moabitas. A animosidade encontra-se documentada em proibições como: “Nenhum [...] moabita ou qualquer dos seus descendentes, até a décima geração, poderá entrar na assembleia do SENHOR” (Dt 23.3). E, no período de Juízes, os moabitas haviam oprimido os israelitas nos dias de Eglom, rei de Moabe (Jz 3.12-14).

“Será que esse lugar – Moabe – parece ser uma boa escolha para se criar uma família piedosa?” (Duguid).

1 O escritor paraibano Luiz Pinto, em seu livro *Homens do nordeste e outros ensaios*, afirmou na década de 1960: “Na história e na sociologia do Brasil, o fenômeno das secas periódicas tomou um vulto singular, não somente pela feição macabra do sofrimento infligido ao homem, como ainda, e sobretudo, pela depressão econômica que acelera, transformando física, social, moral e até etnologicamente, uma mancha da terra americana, que se estende por cerca de dez Estados da federação brasileira”.



1.2 – O homem chamava-se Elimeleque; sua mulher, Noemi; e seus dois filhos, Malom e Quiliom. Eram efrateus de Belém de Judá. Chegaram a Moabe, e lá ficaram.

Elimeleque... Noemi... Malom e Quiliom. Os quatro personagens têm nomes que não aparecem no restante da Bíblia. Como é de praxe nas Escrituras, não são nomes sem significado, e aqui parecem se revestir de uma intencionalidade profunda.

Elimeleque quer dizer “[meu] Deus é rei”, e podemos dizer que essa afirmação do senhorio de Deus resume todo o ensino do livro. Mas que ironia: ter esse nome e migrar da terra de Deus por causa de uma seca! Ele não percebeu que Deus era rei sobre as circunstâncias da fome. Caso tivesse pensado assim, teria ficado em Belém.

Noemi quer dizer “agradável”, “linda”, “graciosa” ou talvez “alegria”. Que ironia: ter esse nome e depois se queixar ao Deus da vida a ponto de se fazer amarga, como se vê no final do capítulo (v. 20-21)!

Os nomes dos filhos rimam. O de Malom sugere “estéril” ou “doentio”; o de Quiliom teria uma conotação de “fraqueza”.

Os pais e os dois filhos eram efrateus, ou seja, pertenciam ao clã de Judá chamado Efrata – nome dado à região em torno de Belém e antigo nome do povoado. O vínculo histórico entre Efrata (ou Efrate) e a família de Calebe (1Cr 2.19,50; 4.4) teria conferido à família de Elimeleque certa posição social. De fato, como veremos adiante, o parente Boaz era uma figura importante na comunidade (2.1).

CLÃ

As doze tribos de Israel eram compostas dos descendentes dos doze filhos do patriarca Jacó (Gn 49), e, ao entrar na Terra Prometida, cada tribo recebeu como herança sua porção de terra. A porção de Judá se estendia da cidade de Jerusalém a Belém, ao norte. A frase, *o clã de Judá chamado Efrata* refere-se ao fato de que, com o passar do tempo, a tribo toda foi se dividindo em grupos menores, e que aquelas famílias que se fixaram em volta de Belém, cujo nome antigo era Efrata, passaram a compor o clã de Efrata. A família de Noemi pertencia àquele clã (Rute 1.2; 4.11), como também o rei Davi, descendente de Rute (1Sm 17.12), e o próprio Messias (Mq 5.2).

Não há sinal de que “Deus é Rei” na vida de Elimeleque. Por isso, como tantos outros no tempo em que os juízes governavam, ele decidiu fazer o que melhor lhe pareceu. Mas teria Elimeleque, com os dois filhos (provavelmente, não muito robustos ou até doentios) e a esposa, tomado uma boa decisão? Será que a falta de confiança no Senhor não levou a família para fora da vontade dele? Afinal, nem todos saíram! Boaz ficou! Além do mais, a própria Lei previa fome como castigo da desobediência (Lv 26.20). Mas gente faminta nem sempre pode se dar o luxo de pensar em causa e efeito, nas implicações de uma decisão. Que bom saber que Deus faz com que todas as coisas, inclusive as más escolhas pessoais, cooperem “para o bem daqueles que o amam” (Rm 8.28)!

A massificação, o impessoal que afoga o indivíduo nas águas profundas dos problemas nacionais, sociais e econômicos não encontra respaldo nas Escrituras. O ser humano, seja por suas carências, seja por suas decisões, tem um valor tremendo perante Deus – e esse é um dos temas do livro. O salmista afirma que “o SENHOR protege aqueles que o temem, aqueles que firmam a esperança no seu amor, para livrá-los da morte e garantir-lhes vida, mesmo em tempos de fome” (Sl 33.18-19).

1.3 – Morreu Elimeleque, marido de Noemi, e ela ficou sozinha, com seus dois filhos.

A expressão *marido de Noemi* é uma forma incomum de referência a um homem e o primeiro dos diversos sinais no livro de que ele está centrado em mulheres, é muito sensível à situação delas e, quem sabe, foi escrito por uma mulher. Alguns estudiosos destacam o interesse e a precisão do autor em assuntos legais. Ele observa os direitos de residência de Elimeleque no versículo, e aqui estaria descrevendo a posição legal de Noemi como viúva: de repente, ela ficou sozinha com os dois filhos.

Estar numa terra estranha tentando sobreviver já é uma situação desagradável. Por que permitiu Deus agora que acontecesse essa fatalidade? Mais uma separação para aquela que havia deixado para trás os demais familiares! O “Deus [que] é rei” de Elimeleque falhou ou o estaria castigando? Será que a mulher “agradável” não mais agradava a Deus? São questões que nos angustiam hoje também, quando tentamos lidar com a esperança pessoal, as doçuras e amarguras da vida e as implicações da soberania de Deus. A angústia pode, às vezes, ser aumentada pela superficialidade de muitos cristãos, que preferem a recitação de chavões piedosos ao esforço implícito na busca séria de respostas maduras. O livro de Rute descreve um esforço desses, sem esconder as dores e perguntas humanas.

1.4a – Eles se casaram com mulheres moabitas, uma chamada Orfa e a outra Rute.

Chegou a hora de os filhos se casarem. A perspectiva de um futuro para Noemi e a família começa a se tornar realidade, com a expectativa de seus filhos gerarem descendentes. Há aqui um contraste com Gênesis 24, e podemos imaginar Noemi um tanto nervosa ao ver que os rapazes não seguiram a orientação de Abraão, que insistiu em buscar uma esposa para Isaque entre sua parentela – e Judá não era tão distante, como já observamos.

Os nomes das noras só aparecem aqui no Antigo Testamento, talvez por serem nomes moabitas. Se forem nomes hebraicos, *Orfa* tem ligação com a palavra “nuca”, e assim poderia sugerir “obstinação” ou ainda “aquela que dá as costas, que desiste”; *Rute* sugeriria “refrescar”, “consolar” ou possivelmente “amiga”. Os dois casais residiam em Moabe.

1.4b-5 – Depois de terem morado lá por quase dez anos, morreram também Malom e Quiliom, e Noemi ficou sozinha, sem os seus dois filhos e sem o seu marido.

A morte dos filhos sem dúvida levou Noemi a questionar-se de novo. Mais um sinal da desaprovação divina? O *Talmude*, antigo documento judaico escrito nos começos da era cristã, interpreta a morte desses três homens como castigo por terem deixado Judá. De qualquer maneira, era um castigo morrer e ser sepultado fora da terra de Judá. Jacó (Gn 47.29-31) e José (Gn 50.24-25) fizeram questão de ser enterrados em seu torrão natal.

Os dois filhos de Noemi morreram sem gerar filhos. Os rabinos insistiam em que após *dez anos* um casal sem filhos podia partir para o divórcio, tal era o valor dado a um herdeiro. A questão do herdeiro é um dos principais temas do livro e faz parte da queixa de Noemi. Outras, como Sara (Gn 16.2), Raquel (Gn 30.1) e Ana (1Sm 1.10-18), também se queixaram a Deus pelo mesmo motivo, por entender que a esterilidade era sinal da desaprovação divina, já que a concepção vem de Deus (Rt 4.13).

Com a morte dos filhos, Noemi passou a ser uma mulher desamparada, pois havia perdido sua perspectiva de sustento e identidade. Sem marido e sem filhos, “era a única remanescente sob o juízo de Deus. Quem agora iria sustentar uma viúva estrangeira nos seus anos de declínio?” (Duguid). O mesmo se aplicava às suas noras, em certa medida. As três não tinham mais segurança alguma. Ser viúva, e sem filhos, era a pior coisa que podia acontecer a uma mulher na época. Parte do propósito do livro de Rute parece ser levar-nos a sentir como Noemi buscou e reencontrou sua identidade e utilidade.

A Lei protegia a viúva — “Não prejudiquem as viúvas” (Êx 22.22) —, e o próprio Senhor as amparava (Sl 146.9). Entre a Lei e a prática, porém, havia um abismo: o dia a dia da viúva era muito difícil, como se vê, por exemplo, no caso da viúva israelita que suplicou a Eliseu: “Teu servo, meu marido, morreu [...]. Mas agora veio um credor que está querendo levar meus dois filhos como escravos” (2Rs 4.1). É provável que a única opção da maioria das viúvas fosse voltar à casa paterna, na esperança de um segundo casamento e outros filhos. As perspectivas da mulher de nossa época — trabalhar fora para se manter, morar sozinha — não faziam parte do horizonte da vida de então.

Os versículos iniciais do livro de Rute descrevem com simplicidade a vida de uma pequena família. Facilmente imaginamos a luta para criar os dois meninos, o desafio da migração para uma terra estranha e a passividade da mãe diante

Ester

A graça de Deus no livramento de seu povo



Se soubermos ler o livro de Ester, deixaremos de vê-lo apenas como uma bela história, narrada ao velho estilo oriental, e perceberemos em seu enredo a revelação de um Deus que age antes, durante e depois de conspirações que poderiam dizimar um povo. Joyce ajuda-nos a perceber como Deus transformou o que surgiu com o lançamento de sortes (“pur”) em memorial de libertação (“purim”), festa celebrada entre os judeus até os dias de hoje.

RUBEM AMORESE

Presbítero emérito da Igreja Presbiteriana do Planalto, em Brasília,
escritor e ex-professor da Faculdade Teológica Batista de Brasília

Livro profundo, acessível, contextualizado e relevante. Uma análise detalhada e cuidadosa do texto bíblico, escrita de maneira leve, fácil de ler. As referências ao contexto histórico e cultural enriquecem a leitura e a compreensão do texto. Uma ferramenta valiosa e útil!

RUTH FERNANDES BRAGA BORGES

Ministério de Educação Cristã na Igreja Metodista
Livre (bairro Saúde, São Paulo), Concílio Nikkei

Com bom humor, sensibilidade e perspicácia, Joyce direciona nosso olhar para a fragilidade das relações e leva-nos a refletir sobre nossa vida e desafios. Amei a forma em que a autora trata de questões aparentemente corriqueiras e como consegue perceber nuances que tornam o livro tão próximo de nós e da vida que vivemos. Joyce destaca os contrastes e as similaridades num amplo diálogo com outros autores e com a pesquisa que contempla o aspecto histórico e arqueológico. Este livro situa o leitor no cenário político e religioso em que a história se desenrola, mas também a relata de forma contextualizada para nós. Também amei a forma bem-humorada e coloquial de tratar uma história com tanta riqueza escondida, que teve implicações mundiais no contexto político da época e está recheada de peculiaridades sobre as relações humanas. Parece até que estamos participando de tudo aquilo. Foi bom ver unidos aspectos tão heterogêneos, que nem todos sabem acomodar no mesmo ambiente, como profundidade teológica, espiritualidade e auxílio para estudo bíblico. Gostei também das perguntas para reflexão.

LIANA NORIKO TATSUMI GOYA

Coordenadora de Mulheres em Ministério (São Paulo) e membro da equipe
pastoral da Igreja Evangélica Holiness (bairro Liberdade, São Paulo)

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	119
<i>Introdução</i>	121
1. Questão de honra (1.1-22)	125
2. Haja nova rainha! (2.1-23)	143
3. Quem é mesmo o vilão? (3.1-15).....	163
4. Nos bastidores (4.1-17).....	177
5. “Qual é o seu pedido?”	193
6. Quem é mesmo o herói? (6.1-14).....	205
7. De herói a vilão! (7.1-10).....	219
8. É permitido reagir! (8.1-17).....	231
9. Uma reviravolta para os judeus (9.1-32)	243
10. “Para o bem do seu povo” (10.1-3).....	263
<i>Resumindo</i>	267
<i>Bibliografia</i>	269



Capítulo 1

QUESTÃO DE HONRA

EMBORA OS PERSONAGENS DO PRIMEIRO CAPÍTULO não sejam centrais para o desenvolvimento do enredo, o capítulo cria com perfeição o ambiente para o restante do livro, pois dá o tom do relato, com seus ingredientes principais de dinheiro, sexo e poder. Descreve-se em minúcias a suntuosidade, a coragem e a burocracia. Ironizam-se os poderes legislativos, e as mulheres corajosas são enaltecidas. Acima de tudo isso, paira a insinuação de que nem sempre o aparentemente forte, o machão, vence a batalha entre os sexos.

Num capítulo que mexe com as emoções, admiramos cortinas e correios e rimos da histeria dos conselheiros do rei e do medo que cada um tem da esposa. Ficamos chocados com os efeitos maléficos da bebida, com alguns aspectos do caráter e do temperamento de Xerxes e com o papel gasto em cartas absurdas. Estranhamos a natureza irrevogável da lei persa, tanto um tema importante quanto um grande problema em todo o livro.

A sequência do texto tem como ponto de partida a desobediência de Vasti, e o estilo literário, com o uso de ironia e exagero, por exemplo, parte do retrato de um rei aparentemente sem rival, exceto em casa.

DOIS BANQUETES OFERECIDOS POR XERXES,
O PERSA (1.1-8)

Os banquetes introduzem algumas das questões principais do livro, como a ostentação e a superficialidade da corte persa, a legislação vigente e a organização e divisões sociais internas. Os versículos iniciais montam o cenário para o drama dos judeus oprimidos e injustiçados, que correm risco de vida, mas introduzem, principalmente, a palavra “banquete”, uma das chaves para a compreensão do livro todo. O termo hebraico *misté* (“banquete”) ocorre 46 vezes em todo o Antigo Testamento, das quais 20 no livro de Ester.

1.1-3 — Foi no tempo de Xerxes, que reinou sobre cento e vinte e sete províncias, desde a Índia até a Etiópia. Naquela época o rei Xerxes reinava em seu trono na cidadela de Susã e, no terceiro ano do seu reinado, deu um banquete a todos os seus nobres e oficiais. Estavam presentes os líderes militares da Pérsia e da Média, os príncipes e os nobres das províncias.

No original hebraico, o livro começa com *wayhi* (“aconteceu”), a palavra introdutória típica dos Livros Históricos da Bíblia. *Xerxes* é a versão grega e abreviada de “Assuero”, o nome hebraico. Trata-se, então de Xerxes I, que em algumas versões gregas do livro de Ester é identificado como Artaxerxes. O nome Xerxes significa “o olho do império”. Era neto de Ciro e filho de Dario, governadores persas que facilitaram o retorno dos judeus para sua terra após o exílio na Babilônia (cf. 2Cr 36.22; Ed 5.6-17). Entre os anos 485 e 465 a.C., Xerxes reinou sobre uma população estimada entre 50 e 100 milhões de pessoas num vasto território: o mundo conhecido de então.

O império de Xerxes, que se estendia do rio Indo, no Paquistão, até o Nilo Superior, no norte do Sudão, abrangia o impressionante número de 127 províncias. As dimensões *desde a Índia até a Etiópia* aparecem em obras seculares do período, embora haja alguma dúvida sobre a administração do reino, bem como sobre as palavras usadas aqui para descrevê-la. O império era dividido em *províncias* que seguiam, pelo menos em parte, as peculiaridades geográficas e étnicas da região. Eram regidas por sátrapas (cf. 8.9; Dn 6.1-2). Sabe-se hoje que nunca houve mais que 31 satrapias, embora Daniel 6.1 cite 120. As altas cifras são a marca registrada do livro de Ester.

O historiador grego Heródoto (484-425 a.C.) descreveu Xerxes como um “homem bonito, mas orgulhoso, voluntarioso, namorador, [...] relaxado em suas atitudes para com os costumes persas, impetuoso, déspota, efeminado, covarde”. Ele tratava os povos conquistados como animais e obrigava-os a pagar altos impostos, que financiassem novas aventuras militares. Empenhou-se em grandes construções, bem como em investidas militares contra o principal inimigo de todos na época: os gregos.¹

Susã, localizada uns 200 quilômetros ao norte do golfo Pérsico, era apenas uma das capitais dos reis da Pérsia, com Babilônia e Ecbátana. A *cidade* fazia parte da cidade maior. Era a acrópole central, elevada acima do restante da cidade e fortificada para proteger o rei. Escavações de suas ruínas revelam algo da glória do local antes de ser abandonada, na Idade Média. Essa primeira menção de Susã já introduz o assunto das estruturas literárias simétricas presentes ao livro de Ester, de que falaremos mais adiante. Basta salientar aqui que o nome Susã aparece nove vezes antes de 6.1 e nove vezes depois de 6.1 (veja o comentário sobre 2.5).

O versículo 2 põe em destaque a figura do rei, seguro em sua autoridade real após importantes vitórias contra o Egito. Os monarcas persas costumavam sentar-se em tronos grandes e altos, rodeados por muitos assistentes. A ênfase recai sobre o *trono*, símbolo de controle ditatorial e de distância do povo: e era *seu*. Xerxes era governador absoluto de tudo e de todos. De acordo com Heródoto, sua ambição era “reduzir o mundo inteiro a um único império”.

O tempo é bem marcado nos três primeiros versículos: “no tempo” (v. 1), “naquela época” (v. 2), “no terceiro ano” (v. 3). Isso imprime certo ritmo ao texto, que se move em direção a um acontecimento-chave: o primeiro banquete. As indicações de tempo são importantes no livro de Ester. Situam o enredo com relação às demais narrativas bíblicas e são essenciais para uma leitura adequada do texto.

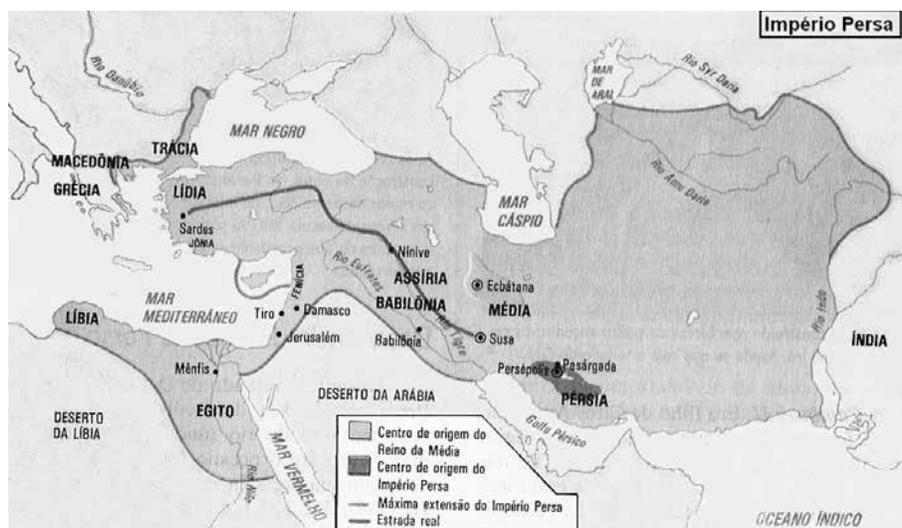
No *terceiro ano*, ou seja, no ano 483 a.C., antes de partir para a guerra contra a Grécia (483-479), Xerxes ofereceu um banquete a um grupo escolhido, representantes do exército e do governo civil. Uma festa de tais proporções não era rara na corte persa. Alguns documentos indicam que Artaxerxes Mnemon (405-359 a.C.) ofereceu uma festa semelhante para 15 mil convidados. A tradução grega de Ester na *Septuaginta* sugere que a festa do capítulo 1 era a celebração do casamento de Xerxes. Outros a interpretam como a festa de sua coroação ou ainda como

¹ Xerxes (Assuero) reinou 25 anos; foi assassinado cerca de nove anos após os fatos registrados em Ester. Em seguida, seu filho Artaxerxes I, que conhecemos nos relatos de Esdras e de Neemias, tornou-se rei.

parte de uma convocação para planejar a invasão da Grécia. Serviria, então, ao planejamento militar e ao fortalecimento da confiança dos líderes regionais do império, uma guerra de propaganda antes da própria guerra. E o rei esbanjou para impressionar.

Os nomes *Pérsia* e *Média* sempre aparecem juntos, nomes de duas raças irmãs dentre as muitas que Xerxes governava. Em Daniel 6.8, os medos são mencionados em primeiro lugar devido ao fato de o governador da época ser Dario, o medo (Dn 5.31). Já no período de Xerxes, a Pérsia exercia a primazia, pois em 549 a.C. Ciro, o persa, conquistou o trono, fato refletido na sequência dos nomes.

A palavra *partemim*, traduzida por *príncipes*, é persa e denota membros da família real. Os *oficiais* eram funcionários da corte real. Os outros convidados eram representantes do exército. A elite do império estava presente.



SUSÃ ERA UMA ANTIGA CIDADE DO ORIENTE PRÓXIMO. CAPITAL DE ELÃO, FEZ TAMBÉM PARTE DO IMPÉRIO BABILÔNICO, DO IMPÉRIO PERSA E DO IMPÉRIO PARTA. ESTAVA SITUADA CERCA DE 250 QUILOMETROS A ORIENTE DO RIO TIGRE, NO QUE É HOJE O SUDOESTE DO IRÃ. ATUALMENTE, É UM GRANDE CAMPO ARQUEOLÓGICO, E EXISTE UMA CIDADE COM SEU ANTIGO NOME (SHUSH) NAS PROXIMIDADES. SITUADA 320 QUILOMETROS A LESTE DA BABILÔNIA, SUSÃ OU SUSIANA CHEGOU A SER A CAPITAL DE INVERNO DOS REIS PERSAS. DESTACOU-SE COMO CENÁRIO DE MUITOS ACONTECIMENTOS BÍBLICOS NOS TEMPOS DE DANIEL, DE NEEMIAS, DA RAINHA ESTER E DO REI ASSUERO (XERXES).

1.4 – Durante cento e oitenta dias ele mostrou a enorme riqueza de seu reino e o esplendor e a glória de sua majestade.

A recepção durou *cento e oitenta dias*, uma grande sequência de festas. Os convidados por certo compareceram em momentos diferentes, cada um passando talvez uns poucos dias na capital. De outra maneira, teríamos de entender que a administração do império esteve paralisada por seis meses. Conforme o depoimento de Heródoto, Xerxes levou uns quatro anos se preparando para a campanha contra a Grécia. Sem dúvida, o rei aproveitou essa festa prolongada para exibir aos convidados o luxo de suas propriedades e as recém-concluídas construções na cidade.

Riqueza, glória ou pompa, *esplendor e majestade* são palavras que enfatizam o poder econômico do império e o estilo de vida do rei. De fato, a suntuosidade da corte persa se fez conhecida a nós também pela literatura clássica e pela arqueologia. Sabe-se, por exemplo, que no palácio havia uma árvore e uma vinha de ouro e paredes revestidas com o precioso metal, além de muitas barras guardadas nos cofres reais.

O texto enfatiza *seu* reino, *sua* majestade. Tudo pertencia a Xerxes: a palavra “rei” aparece 13 vezes nos primeiros nove versículos, e cerca de 250 vezes nos 167 versículos do livro.

1.5 – Terminados esses dias, o rei deu um banquete no jardim interno do palácio, de sete dias para todo o povo que estava na cidadela de Susã, do mais rico ao mais pobre.

Após promover uma festa para a nobreza, Xerxes chamou os moradores da cidade para um banquete de sete dias, uma festa menor para as classes inferiores.

Os ricos e poderosos recebiam a atenção de Xerxes, enquanto o povo mais simples (judeus, por exemplo) era discriminado. Mesmo assim, esse segundo banquete do livro possibilitou aos convidados acesso ao rei, algo difícil de conseguir, como a sequência da narrativa irá demonstrar.

O local, o *jardim interno* ou *bitan* (cf. 7.7-8), era um terraço entre o jardim (7.7) e o palácio, um tipo de pavilhão, não uma residência.